LÍNGUAS & LETRAS

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

A arte naif de Analice Uchôa em relações dialógicas com as produções artísticas dos alunos da EJA

The naif art of Analice Uchôa in dialogical relationships with the artistic productions of EJA students

Ramísio Vieira de Souza*
* Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Cidade Universitaria - PB, 58051-900,
e-mail: v.ramisiomestrando@gmail.com

Janielly Santos de Vasconcelos Viana**
** Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Cidade Universitaria - PB, 58051-900,
e-mail: janiellygirl@hotmail.com

Maria de Fátima Almeida***
*** Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Cidade Universitaria - PB, 58051-900,
e-mail: falmed@uol.com.br

David Henrique Xavier Barbosa****
**** Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Cidade Universitaria - PB, 58051-900,
e-mail: hhenriquexavier757@gmail.com

Resumo: Este artigo dá continuidade à pesquisa no âmbito do ensino que tem como base as contribuições de Bakhtin e o Círculo para a leitura, interpretação, produção de sentido da materialidade linguística verbal e não verbal no evento da vida. Para tanto, selecionamos como objeto de análise as relações dialógicas constitutivas de quatro obras de arte produzidas pelos alunos na última atividade do projeto interdisciplinar, que tinha como foco as obras de arte da artista Analice Uchôa, desenvolvido numa escola do município de João Pessoa. Elas formam o *corpus* de investigação deste trabalho que tem como objetivo principal analisar as relações dialógicas entre as obras de Uchôa (o dado) e as produções dos alunos da EJA (criado). Os objetivos específicos são: identificar algumas relações dialógicas envolvidas nas produções dos alunos; apresentar o estilo das produções e verificar a expressividade avaliativa em relação às obras de Analice e à vida. Pautamo-nos principalmente em Bakhtin e o Círculo e em outros autores que refletiram sobre a perspectiva bakhtiniana, especialmente Sobral (2009) e Brait (2013). Nas análises, constatamos as diferentes relações assumidas entre os interlocutores no processo de produção do ato discursivo, entre elas, relações dialógicas de manifestações culturais, recuperadas, inclusive, das telas originais lidas em sala de aula e do contexto da vida dos autores, relações dialógicas de cunho religioso, retomadas nas diferentes visões e pontos de vista dos interlocutores, relações dialógicas da materialidade estética visual, isto é, o posicionamento valorativo das cores e detalhes traçados na construção das obras de arte.
Palavras-chave: Relações dialógicas. Posicionamento valorativo. Produções artísticas.

Abstract: This article gives continuity to the teaching research that is based on the contributions of Bakhtin and the Circle to the reading, interpretation, production of

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

meaning of verbal and nonverbal linguistic materiality in the event of life. In order to do so, we selected as object of analysis the dialogical relations constitutive of four works of art produced by the students in the last activity of the interdisciplinary project, which focused on the works of art of the artist Analice Uchôa, developed in a school in the municipality of João Pessoa. They form the corpus of investigation of this work whose main objective is to analyze the dialogical relations between the works of Uchôa (the die) and the productions of the students of the EJA (created). The specific objectives are: to identify some dialogic relationships involved in student productions; to present the style of the productions and to verify the evaluative expressiveness in relation to the works of Analice and to life. We focus mainly on Bakhtin and the Circle and on other authors who reflected on the Bakhtinian perspective, especially Sobral (2009) and Brait (2013). In the analyzes, we verified the different relations assumed between the interlocutors in the process of production of the discursive act, among them, dialogical relations of cultural manifestations, recovered, also, from the original screens read in the classroom and the context of the life of the authors, dialogical relations of a religious nature, retaken in the different visions and points of view of the interlocutors, dialogical relations of the visual aesthetic materiality, that is, the value position of the colors and details traced in the construction of the works of art.
Keywords: Dialogical relations. Valuable positioning. Artistic productions.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No processo de construção de sentidos nas aulas de leitura e escrita, a interação é uma estratégia indispensável e responsável por dinamizar o ensino-aprendizagem das diferentes atividades desenvolvidas pelo professor. Na perspectiva dialógica da linguagem, as estratégias surgem, à medida que o professor começa a estabelecer as relações interativas que possibilitam o surgimento das vozes que participam da construção de sentido na sala de aula.

Nesse sentido, o trabalho com projetos interdisciplinares é fundamental no desenvolvimento do aprendizado do aluno, porque também promove o diálogo com vozes de outras áreas do conhecimento, tornando as atividades escolares mais prazerosas e produtivas. Eles exigem a participação de toda a comunidade escolar, por meio de atividades reflexivas que promovam o saber e o aprendizado de maneira significativa, envolvente, criativa e reflexiva.

Desenvolvemos nosso projeto interdisciplinar com base na concepção dialógica da linguagem de Bakhtin e o Círculo[1]. Partimos da concepção de discurso, ou seja, a língua em sua integridade viva e dinâmica que não pode ser dissociada do contexto de uso nas interações comunicativas, entendendo-a também como um conjunto de vozes

[1] Entre os principais estudiosos que integrantes do Círculo, encontram-se: Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e Pável N. Medviédev (1891-1938).

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

sociais que se materializam nas enunciações, isto é, nos tipos relativamente estáveis de enunciados, conforme preconiza Bakhtin e 2011 [1992]. Nesse contexto, a disciplina de português, com foco na leitura e escrita na perspectiva dialógica, assume um papel fundamental no desenvolvimento das ações em prol da construção do conhecimento científico, histórico e ideológico, relacionados à vida e obra da artista Analice Uchôa[2], selecionada pela equipe escolar para compor as atividades do projeto interdisciplinar numa escola municipal de João Pessoa-PB. Os sujeitos participantes desse projeto são alunos de duas turmas do ciclo IV da EJA de uma escola municipal da cidade de João Pessoa. Durante o desenvolvimento das atividades, constatamos uma frequência de 50% dos alunos do total de 42 por turma.

A linguagem artística assume um papel fundamental nas atividades comunicativas realizadas em sala de aula, principalmente quando a leitura visual está presente na abordagem das diferentes temáticas: a denúncia social, a vida no campo, o sagrado, o profano e outras. As obras de Uchôa foram criativamente elaboradas de maneira a produzir um *tom* entre as cores, o estilo naif[3] da artista e a vida. Desse modo, nossas ações foram planejadas tendo em vista esses conhecimentos e traçando os caminhos que cada disciplina poderia percorrer na construção do conhecimento da arte de Uchôa.

Na última atividade desenvolvida pelo projeto, os alunos da EJA, Ciclo IV, produziram em grupo as telas a partir da leitura das obras da artista plástica paraibana. Como produto final, resultaram quatro telas. Elas compõem o *corpus* desse estudo que tem como objetivo principal analisar as relações dialógicas entre as obras artísticas de Analice Uchôa (o dado) e as produções dos alunos da EJA (criado). Os objetivos específicos são: identificar algumas relações dialógicas envolvidas nas produções dos alunos; apresentar o estilo das produções e verificar a expressividade avaliativa em relação às obras de Analice e à vida. Como aporte teórico, escolhemos Bakhtin e o Círculo e alguns autores que refletiram sobre a perspectiva bakhtiniana, especialmente Sobral (2009) e Brait (2013).

---

[2] Nasceu em 02 de setembro de 1948, natural de Campina Grande-PB. É artista plástica paraibana. Em seus trabalhos ela expõe a temática que contempla o universo da cultura popular, com ritos e mitos, festas e costumes, indo da cidade ao campo, relatando comportamentos, modos de vida e de expressão do povo nas suas manifestações originais. Disponível em: http://www.paraibacriativa.com.br/artista/analice-rodrigues-uchoa/. Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

[3] A art naif compreende uma espécie de movimento artístico desenvolvido no século XIX, na Europa, que prezava pela espontaneidade, originalidade, intuição e liberdade. Nesse estilo, o artista não é obrigado a seguir uma regra técnica, abordagem específica ou proporcionalidade. Para mais informações, acesse https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-naif.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

Esperamos contribuir com pesquisas na perspectiva dialógica da linguagem, em especial, as que têm como material de análise a leitura visual. Ademais, com o ensino da leitura visual, produção visual e uso da linguagem no evento da vida. Na sequência, abordamos a visualidade em Bakhtin e o Círculo, relações dialógicas e posicionamento valorativo.

VISUALIDADE, RELAÇÕES DIALÓGICAS E POSICIONAMENTO VALORATIVO EM BAKHTIN E O CÍRCULO

As discussões filosóficas de Bakhtin e o Círculo contribuem não somente para a linguagem verbal, mas também para toda linguagemverbo- visual, denominada por Brait (2013) de *Teoria da linguagem em geral*. Ela afirma que trabalhos como *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas – uma experiência de análise filosófica*, presente em *Estética da criação verval* 2011[1992], e seu diálogo com outros ensaios discorrem sobre a amplitude da linguagem nas relações humanas. Acerca da visualidade, apresenta *O autor e a personagem na atividade estética* de Bakhtin 2011[1992*]*, destacando o capítulo II (A forma espacial da personagem) no qual ele discursa sobre o excedente de visão, com ênfase na imagem, no retrato e autorretrato. Essa discussão está presente em Beth Brait 2013:

> Na verdade, em todos os trabalhos do Círculo em que a ideia de uma teoria da linguagem ampla, e não exclusivamente vinculada ao linguístico, é indiciada, é o visual, e não o verbo visual, que é sugerido objeto passível de leitura e interpretação. Não podemos esquecer, porém, ao acolher essas sugestões, de uma longa tradição da análise do visual, das reflexões sobre a possibilidade de sua leitura e interpretação, que vêm, por exemplo, da estética, da filosofia, por vezes de uma estética-filosófica, das diferentes semióticas (peirceana, francesa, russa), da semiologia de Roland Barthes em seus textos sobre fotografia, retórica da imagem, trabalhos compreendidos entre o final dos anos 1950 aos anos 1970[4]. (BRAIT, 2013, P. 45)

[4] "Cabe aqui lembrar que uma das importantes obras de Roland Barthes, *Mythologies*, reunião de textos publicados em jornais entre 1953 e 1956, e que teve a primeira edição em 1957, era constituída somente de textos verbais, embora tivesse predominantemente o visual como foco (fotografia, publicidade, imprensa, etc.). Somente agora, mais de meio século depois, Jacqueline Guittard retoma esse trabalho de Barthes, ilustrando-o com as imagens da época. O resultado é a edição *Mythologies ilustrées* (Barthes, 2010), oferecendo ao leitor contemporâneo os textos integrais e mais de 120 ilustrações que possibilitam ver, hoje, imagens que serviram para que o autor demonstrasse, com perspicácia e ironia, o funcionamento mitológico de temas presentes na sociedade naquele momento."

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

Nessa citação, a autora enfatiza a dimensão ampla que é a linguagem para o Círculo e apresenta outras linhas de estudos que analisam a visualidade, refletindo-a com a finalidade de produzir conhecimento acerca do visual e suas particularidades em diferentes campos do conhecimento. Encontramos em Brait (2013) uma linha de investigação das principais contribuições sobre o visual nas obras de Bakhtin e o Círculo. A autoraapresenta uma discussão sobre esse campo de estudo e destaca discursos que evidenciam o desejo de Bakhtin (1895-1975), Volóchinov (1895-1936) e Medviédev (1891-1938) em construírem uma teoria geral da linguagem. O pensamento baktiniano para o estudo do visual é encontrado em pelo menos dois trabalhos publicados na década de 1990 e um em 2013, os quais sugerem o estudo na perspectiva da visualidade.

O primeiro *Tekstura. Russian Essays on Visual Culture,* editado por Alla Efimovae Stephen Bann, publicado em 1993, *Bakhtin and the Visual Arts*, de Deborah J. Haynes, 1995, reúne uma coletânea de textos de Sergei Eisenstein, Yuri Lotman, Boris Grays, Valentin N. Voloshinov e Mikhail Bakhtin que apresentam reflexões sobre a cultura visual russa. O texto que abre a coletânea é *O estudo das ideologias e a filosofia da linguagem* de Voloshinov 1930, presente no capítulo 1 da primeira parte, que tem como título *A filosofia da linguagem e sua importância para o marxismo*, presente também em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

A escolha desse texto como carro chefe da antologia é justificada por oferecer uma investigação fundamental acerca da filosofia da linguagem, pois coloca o estudo do signo como central na investigação ideológica.

> A perspectiva semiótico-filosófica-ideológica, justamente a que vai construir o que Voloshinov designa como signo ideológico, é a que serve de fundamento para a leitura do visual, da cultura visual, ainda que Voloshinov, *aparentemente*, não tenha se dedicado à imagem. (BRAIT, 2013, P. 46)

Os critérios que definem a perspectiva desse trabalho pelos organizadores contribuem imensamente para os estudos visuais e filosóficos da linguagem. Essas contribuições são mencionadas por Brait (2013) que realiza uma leitura cuidadosa do referido capítulo de Voloshinov e apresenta a discussão entre signo e consciência. Nesse âmbito, ele se refere à materialidade do signo em geral:

"Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social". (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997[1930], p. 35-36 APUD BRAIT, 2013, P. 46)

Além disso, em Marxismo e Filosofia da Linguaguem- MFL, capítulo sobre interação verbal, Voloshinov contempla o visual, ao falar da relação entre atividade mental e enunciação. Esses apontamentos "são relevantes aos estudiosos da cultura visual e estão além dos estudos linguísticos, pois se oferecem "[...] enquanto teoria geral e perspectiva semiótica da linguagem" (BRAIT, 2013, P. 47). Outro texto selecionado para compor a coletânea *Tekstura. Russian Essays on Visual Culture* é *A forma espacial da personagem*, parte de *O autor e a personagem na atividade estética* de Bakhtin, cuja escolha é justificada pelos organizadores por considerar a criação visual da espacialidade no mundo do herói de ficção.

Segundo Brait (2013), o segundo trabalho Bakhtin and the Visual Arts, da autora Deborah Haynes, publicado em 1995, é escolhido com a finalidade de demonstrar que as sugestões sobre a visualidade nas obras do Círculo têm grande destaque e qualificada recepção. Compreendemos, portanto, que Bakhtin e o Círculo contribuíram fortemente para o estudo do visual e deixaram um legado de categorias que podem ser usadas na interpretação dos signos visuais que são materializados nas relações comunicativas humanas, dentre eles, destacamos a relação dialógica e o posicionamento valorativo que constituem os enunciados.

As relações dialógicas são de ordem semântica, constituída por enunciados integrais ou parcialmente integrais que apresentam sujeitos do discurso reais ou potenciais, isto é, autores dos enunciados, oriundos do diálogo real, conversas do cotidiano, discussão política, científica entre outras. "Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social". (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006 [1929], P.26)

Para Bakhtin (2015), a réplica do diálogo é a forma mais simples de relações dialógicas, mas afirma que elas não coincidem com as réplicas do diálogo real, porque são mais amplas, diversificas e complexas, ou seja, vão além do puramente linguístico ou claramente dito na enunciação. Então, mesmo quando há enunciados diferentes no tempo e espaço, quando confrontados apresentam relações dialógicas entre eles, porque existe uma identidade ou ponto de vista, mesmo que particular, com o tema que converge algum sentido.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

> As relações dialógicas são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso (o diálogo consigo mesmo é secundário e representado na maioria dos casos). (BAKHTIN, 2015[1988], P. 323)

Além disso, acontecem por meio de enunciados de sujeitos diferentes e não são reduzidas a análises puramente formais, mas por meio das relações de sentidos que ocorrem na interação discursiva. Na concepção dialógica do discurso os sentidos são subjetivos e vão além do puramente linguístico, porque eles são produzidos pelos interlocutores nas situações concretas de produção dos enunciados.

Compreendemos que a subjetividade além de psicológica também é social, histórica e psíquica, pois nela o sujeito é agente de uma ação verbal que é materializada nas situações concretas de uso da língua. A concepção de linguagem bakhtiniana e de discurso é ativa, porque o ato verbal é responsável pela produção de enunciados concretos e reais que carregam marcas de uma subjetividade e não de um sentido literal das palavras. É esse pensamento que dá origem "[...] a idéia de dialogismo, a idéia-mestra segundo a qual toda "voz" (todo ato) humano envolve a relação com várias vozes (atos)" (SOBRAL, 2009, P. 33).

> As *relações dialógicas* são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. Mas essa é uma forma especial de dialogismo não intencional (por exemplo, a seleção de diferentes enunciados de cientistas vários ou sábios de deferentes épocas sobre uma questão). (BAKHTIN, 2015, P. 323)

É no confronto de enunciados que ocorrem as relações dialógicas, porque as vozes são produzidas por diferentes sujeitos durante a comunicação discursiva. Entendendo-se que "[...] toda enunciação é uma "resposta", uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciados futuros, e ao mesmo tempo uma 'pergunta', uma 'interpelação' a outros enunciados" (SOBRAL, 2009, P. 33). Então, dizemos que o enunciado está em relação dialógica com outros, pois eles são confrontados num plano de sentido, relacionado a um valor, como, por exemplo, a verdade, a beleza, exigindo uma compressão *responsiva* que já apresenta em si um juízo de valor, por isso que ela também é sempre dialógica.

Ainda nessa linha de pensamento, Bakhtin 2015 [1988] coloca que é na interação entre os sujeitos que ocorre a produção do discurso nos diferentes campos de atividade

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

humana, por meio da luta ideológica, confronto de opiniões, na ciência, e outros enunciados, quando confrontados, entram numa relação especial semântica. "Duas produções de discurso, enunciados confrontados entre si, entram em um tipo especial de relações semânticas que chamamos de dialógicas" (BAKHTIN, 2015, P. 324). No entanto, esse estudioso aponta o problema dessas relações no ramo da linguística e em outras ciências humanas. Ele afirma que as relações dialógicas fazem parte da integridade da língua concreta e viva, que o interessa ao longo de seus estudos, e não a língua como objeto da linguística, pois essa preza por relações lógicas e deixa de lado os aspectos extralinguísticos que são da ordem do discurso.

> O problema das relações dialógicas. Essas relações são profundamente originais e não podem reduzir- se a relações lógicas, ou linguísticas, ou psicológicas, ou mecânicas, nem a nenhuma outra relação natural. É o novo tipo de relações semânticas, cujos membros só podem ser *enunciados integrais* (ou vistos como integrais ou potencialmente integrais), atrás dos quais estão (e nos quais *exprimem* a si mesmos) sujeitos do discurso reais ou potenciais, autores de tais enunciados. O diálogo real (a conversa do cotidiano, a discussão científica, a discussão política, etc.). A relação entre as réplicas de tal diálogo é o tipo mais extremamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas não coincidem, de maneira nenhuma, com as relações entre as réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas. (BAKHTIN, 2015, P. 330-331)

Portanto, não se podem reduzir os enunciados a estudos mecânicos que se limitam a estruturas formais de uso da língua nas situações comunicativas, mas como plenos integrais e dentro de um contexto de uso em que, através da interação, os sujeitos constroem discursos reais que são potencialmente carregados de sentidos que não se limitam ao semântico literal das palavras. Bakhtin afirma e outros autores retomam que a palavra é uma arena de conflitos sociais, ideológicos e históricos que forma o elo de enunciados que compõem o discurso nas interações comunicativas. O sujeito bakhtiniano, de que trata Sobral (2009), é aquele que interage com outros sujeitos que são responsáveis por constituí-lo e também são constituídos por ele nas relações sociais permeadas pela linguagem.

Essas relações dialógicas, personificam-se na linguagem, tornam-se enunciados eapresentam uma entonação avaliativa, "[...] porque todo ato verbal ou não apresenta um tom avaliativo em que o sujeito se responsabiliza pelo que diz e o ouvinte não apenas decodifica ou recebe passivamente aquilo que é dito, mas participa da produção de sentido".

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

No ato enunciativo, o ouvinte, ao perceber e compreender o discurso, ocupa uma posição ativa responsiva, concordando, discordando, criticando, ironizando o que foi enunciado. Toda compreensão do enunciado de natureza viva é prenhe de resposta. Nesse posicionamento valorativo do sujeito em relação ao discurso, a palavra apresenta um *tom* expressivo, ideológico, valorativo ou histórico das relações dos sujeitos na sociedade. Assim, o sentido surge das relações que os sujeitos assumem com o outro nas relações sociais permeadas pela linguagem.

A seguir, realizamos a leitura, descrição e análise do *corpus* conforme a discussão filosófica apresentada até o momento e a materialidade visual das quatro telas produzidas pelos alunos da EJA.

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DOS ALUNOS DA EJA

No processo de finalização do trabalho, propomos a seleção de algumas telas de Uchôa, com a finalidade de ler e estabelecer uma relação com a vida deles em sociedade. O público- alvo é formado por alunos que não concluíram o Ensino Fundamental na idade certa e estão matriculados na EJA, isto é, no Ciclo IV. Nesse sentido, apresentam uma faixa etária diversificada que é formada por jovens, entre 15 e 21 anos, e adultos, acima dos 30 anos. O professor, responsável pela disciplina de língua portuguesa, tem mestrado em Análise do Discurso e desenvolve trabalho de leitura e escrita na escola e em projetos de pesquisa. Assim planejou suas aulas na perspectiva dialógica da linguagem, utilizando-se de movimentos discursivos que contemplam: conhecer a autora; ler e discutir as obras; estabelecer relação com a vida e produzir trabalhos pautados na materialidade visual. Os interlocutores da aula expuseram suas ideias e dialogaram com a coletividade, expondo os pontos de vista acerca da arte e estilo naif da artista. Após essa etapa, o professor solicitou a produção de uma tela que fizesse uma leitura da materialidade linguística e artística das obras dessa artista. Apresentou as seguintes orientações:

- O grupo decidirá o tema com base na leitura das obras de Analice Uchôa e da relação que fez com as experiências do cotidiano;
- Usar a criatividade e estabelecer uma relação com o convívio em sociedade.

Nessa atividade, a escola disponibilizou alguns materiais pedagógicos e outros foram adquiridos pelo esforço entre professores que movimentaram toda a escola em prol

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

da participação ativa, envolvimento, reflexão e estímulo ao aprendizado dos alunos. Entre esses recursos, destaca-se a utilização de algodão cru, tinta para tecido e pincéis de pintura. O professor organizou grupos formados por 5 ou 6 alunos para a realização dessa atividade. Como resultado, vejamos a primeira tela e sua relação com a materialidade discursiva da obra original da paraibana.

Figura 1- Tela produzida pelos alunos

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Figura 2- Obra de arte original de Analice Uchôa

Fonte: http://www.paraibacriativa.com.br/artista/analice-rodrigues-uchoa/

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

Na primeira tela, produzida pelos alunos, identificamos relações dialógicas com a obra de Analice que apresenta a manifestação da diversidade cultural do nosso folclore. Há uma tentativa de reproduzir alguns dos elementos originais, principalmente, dos elementos que são mais representativos na vida dos criadores, como: o maracatu; bumba meu boi; índio; baianas e a presença de uma fogueira que não aparece na tela original, mas em outra obra da artista. Esse fato mostra que há relações dialógicas de retomadas das obras originais, resultado das estratégias de leitura adotadas pelo professor nas aulas de leitura verbo-visual em que se estabeleceu a ponte entre a expressividade das obras e a relação com a sociedade, como foi proposto, inclusive, na atividade.

A singularidade da autoria se manifesta nas cores usadas, detalhes e, principalmente, no caminho traçado até a porta de entrada da igreja. O tracejado e a cor da areia indicam um sujeito que valoriza o sagrado e convida o leitor a participar dele. Há uma riqueza de detalhes que se distingui da obra original e demonstra essa singularidade do artista, apesar da representatividade está fortemente marcada na materialidade da tela criada. O coro de vozes participa da produção de sentidos e torna o evento único e singular. A vida em sociedade é expressa pelos elementos que fazem parte do cotidiano e realidade social e cultural dos alunos, isto é, relações dialógicas de manifestação cultural, (casas, igreja, fogueira, bumba-meu-boi, baiana e batuque) que são mais significativas para o artista que as representam e as tornam vivas na singularidade de sua arte.

Além disso, esses elementos podem estar mais próximos da identidade cultural dos produtores e relacionados com seus cotidianos, ou seja, apresentam posicionamentos valorativos e sociais dos sujeitos que participaram da produção do enunciado, por meio das escolhas das cores, relações dialógicas de materialidade estética visual da tela e dos elementos destacados. Há também uma suavização do estilo naif no fundo da tela, mas as cores fortes valoram os objetos produzidos e enfatizam as escolhas estéticas, sociais e culturais, a partir do olhar do leitor e de seu contato com a arte pictórica naif. Vejamos a próxima tela:

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

Figura 3 – Tela produzida pelos alunos

Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Nessa produção artística, também há uma relação com as obras lidas da artista principalmente, no tocante à temática religiosa, presente em suas produções, porém as marcas de autoria e criatividades são mais reais que a tela anterior. A produção retrata uma visão entre o céu e o inferno, há a presença de elementos sagrados que são recorrentes nas obras de Uchôa, contudo eles valoram a tela pela visão também do inferno e as pessoas carregando a cruz. Esses elementos estabelecem relações dialógicas de cunho religioso entre a vida dos criadores e a sociedade, isto é, a visão que eles têm do céu e inferno que foi materializada na nossa sociedade.

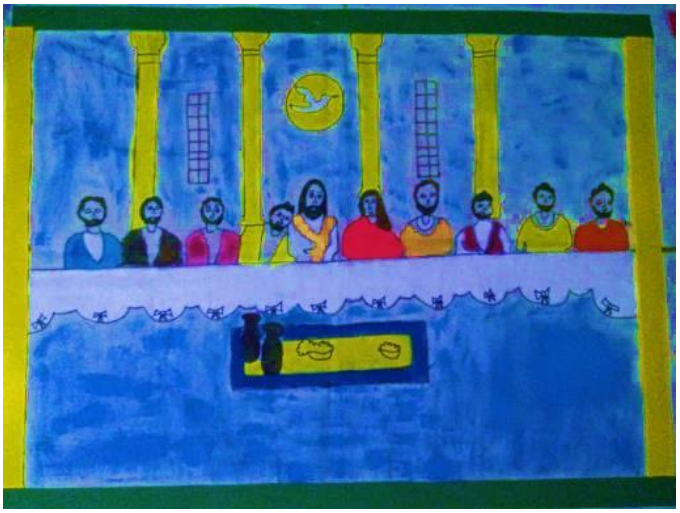
As cores destacam essa divisão entre o céu (azul, cheio de nuvens, presença de anjos e a imagem de Jesus iluminado) e o inferno na cor vermelha, indicando o fogo e a presença da imagem do demônio na cor preta. Essas marcas são fixadas pelo posicionamento dos sujeitos sociais que participam das relações humanas. Há uma relação dialógica valorativa com o sagrado presente nas obras lidas. O estilo naif é notado na presença das cores fortes em algumas cenas da arte. Nessas relações, o princípio de alteridade é evidenciado pelo posicionamento valorativo do autor em relação ao outro, isto é, as suas tomadas de posições em relação à visão do sagrado que é constitutivo também da obra da autora lida e de suas posições sociais no evento da vida.

Nesse sentido, defende Bakhtin 2015 [1988] que é impossível defender uma posição sem estabelecer relação com outras posições e é justamente isso que nos faz refletir sobre a construção da identidade do sujeito que elabora seu ato no evento da vida a partir das relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, isto é, a alteridade é o

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

fundamento da identidade dos atos concretos. Na figura 3, há relações dialógicas de contrates céu/inferno. A valoração, indicativo do posicionamento axiológico do autor em relação à vida, apresenta o céu como o lugar desejado pelos cristãos e o inferno como um lugar abominável, indesejado. Esse discurso materializado é recorrente na nossa sociedade desde a chegada dos portugueses que implantaram o processo de catequização dos índios por considerarem ignorantes e que era preciso catequizá-los para alcançar a salvação. Então, essa voz está presente no tecido discursivo do enunciado da obra e faz parte da identidade desse sujeito social. Na próxima produção, há também uma relação dialógica com a temática do sagrado.

Figura 4 – Tela produzida pelos alunos



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Figura 5 – Obra de arte original de Analice Uchôa

Fonte: http://www.paraibacriativa.com.br/artista/analice-rodrigues-ucho

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

Na materialidade discursiva da figura 4, obra produzida pelo aluno, constata-se uma tentativa de reprodução da tela original, porém alguns elementos indicam a subjetividade do autor que compõem o tecido dialógico de concretização do ato discursivo. Primeiramente, a presença de mais uma pessoa referente aos doze apóstolos que participaram da refeição juntamente com Jesus naquele momento que antecede a morte dele.

Essa marca discursiva é uma resposta à tela original, isto é, faltam apóstolos na obra. Ademais, percebe-se que na tela original os personagens são negros, enquanto que na obra reproduzida os personagens são brancos. Essa escolha valorativa reforça o discurso de que Jesus não é negro, pois, afinal, vivemos numa sociedade ainda preconceituosa com relação à cor. Nas obras tradicionais, o Jesus não aparece negro.

A escolha dos elementos que compõem a tela já é um posicionamento valorativo do sujeito autor, isto é, relações de aceitação do sagrado e de reafirmação dele por meio da produção da obra e concretização do ato que apresenta o princípio da alteridade, isto é, relação com outras vozes, mas que não nega a singularidade de quem o produz, afinal o sujeito ocupa um lugar único e insubstituível, ao concretizar o ato discursivo no evento da vida. Na próxima arte, há a presença da igreja, lugar sagrado dos cristãos, porém o foco é a manifestação cultural e religiosa do candomblé.

Figura 6 – Tela produzida pelos alunos

Fonte: Arquivo pessoal dos autores

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

Na materialidade discursiva da figura 6, constatamos a presença de cores chamativas, característica da arte naif de Uchôa. Há uma ladeira e a presença de baianas com cestos na cabeça com oferendas destinadas a Iemanjá, ritual que acontece no dia 08 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição para os católicos. As baianas são negras, referência ao candomblé, religião de origem Africana, e apresentam vestimentas brancas, cor usada pelos fiéis em homenagem à Iemanjá. Na areia, encontra-se um cesto com as oferendas destinadas a ela. Portanto, há relações dialógicas de manifestação cultural e cunho religioso.

Toda essa expressividade da linguagem carrega a atitude valorativa do aluno leitor em relação às obras originais da artista, como também do seu objeto discursivo, isto é, de sua produção artística que é o resultado de todo processo de compreensão responsiva ativa das atividades de leitura visual e produção pictórica desenvolvidas em sala de aula. As relações dialógicas acontecem no confronto de sentidos, isto é, no ponto de vista de quem produz o ato discursivo, que, nesse caso, apresenta o ritual do candomblé por meio dos elementos que retomam outras vozes e produzem os feixes de sentido.

O discurso que constrói e atravessa a tela é religioso, histórico e cultural, da estética visual que veicula a materialidade reflexiva da tela. Ele mobiliza o espectador, retirando-o da sua posição receptiva, para interferir na sua memória por meio de objetos representativos e dispostos em todo o quadro. Vale ressaltar ainda que apresentamos algumas relações dialógicas e seria impossível esgotá-las nesta análise, como também que uma não é mais importante que a outra, mas que se complementam a partir de sua concretização no ato discursivo da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, reafirmamos o ensino da leitura visual pautado no pensamento bakhtiniano como essencial e indispensável às diferentes atividades desenvolvidas pelo professor em sala de aula. Nesse processo, o aluno participa ativamente da produção do conhecimento e se torna autor de sua história, produto intelectual desenvolvido no evento de sua vida e das relações assumidas no contexto escolar e extraescolar.

Nas telas produzidas, constatamos as relações assumidas entre os interlocutores no processo de produção do ato discursivo, entre elas, relações dialógicas de

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

manifestações culturais, recuperadas, inclusive, das telas originais lidas em sala de aula e do contexto da vida dos autores, relações dialógicas de cunho religioso, retomadas nas diferentes visões e pontos de vista dos interlocutores, relações dialógicas da materialidade estética visual, isto é, o posicionamento valorativo das cores e detalhes traçados na construção das obras de arte.

Nas figuras analisadas dos alunos, mesmo que os artistas tentassem reproduzir as telas originais, como as figuras 1 e 4, a materialidade discursiva deixa transparecer a subjetividade da autoria e, principalmente, a relação com a vida, à medida que são feitas as escolhas que atribuem a identidade à obra. Há uma relação de vozes que retomam discursos religiosos que atravessam a figura 4 e que são retomados na voz do autor e suas valorações no contraste entre céu/inferno. A figura 6 também apresenta relações dialógicas de atravessamento de vozes dos discursos religiosos, culturais e estéticos.

As relações dialógicas envolvidas no processo de produção dos alunos estão relacionadas com as obras originais da artista Uchôa, principalmente com relação ao sagrado, tão presente na obra dessa artista, como também do estilo naif de suas obras. Essas construções dos alunos indicam a positividade do trabalho com atividades prazerosas, dinâmicas e vivas na sala de aula. Além disso, a leitura da linguagem visual da arte pictórica e sua relação com o outro nos atos interativos, permeados pela linguagem nos diferentes campos de circulação, contribui para a valorização cultural e, principalmente, formação do cidadão crítico, criativo e reflexivo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso.* Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov). [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. [Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira]. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. (1895-1975). Teoria do romance I: *A estilística.* Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2015.

BRAIT, Beth. *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana,* São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez, 2013.

e-ISSN: 1981-4755
DOI: 10.5935/1981-4755.20200016

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo:* as ideias do círculo linguístico de Bakhtin. São Paulo. Ed.: Parábola, 2009.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero:* as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP, 2009.

Data de recebimento: 30/04/2020
Data de aprovação: 08/06/2020